

## **HISTÓRIA E LITERATURA: ASPECTOS DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA NA OBRA DE JK ROWLING: *HARRY POTTER***

Ana Cristina da Cruz Nascimento<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

*O presente trabalho tem como objetivo analisar discursos de cunho político na obra fictícia infanto-juvenil Harry Potter e identificar algumas semelhanças e aspectos com a ditadura civil militar brasileira (1964-1985). A problemática consiste em identificar aspectos de autoritarismo na obra escrita pela britânica JK Rowling, que se pode também verificar nos discursos políticos ocorridos nos governos dos militares, tendo como exemplo os discursos de Voldemort e suas atitudes do Ministério da Magia britânico utilizando tais analogias como metodologia de ensino para a disciplina História, dentro da educação básica.*

**PALAVRA CHAVE:** *Harry Potter, Ditadura Militar, Ficção, História e JK Rowling.*

### **ABSTRACT:**

*The present work aims to analyze discourses of nature politician in the fictional child-juvenile work Harry Potter and identify some similarities and aspects with the Brazilian military civil dictatorship (1964-1985). The problematic is identify aspects of authoritarianism in the work written by the British JK Rowling, who can also identify in the political speeches that occurred in the military government, as an example, Voldemort speeches and attitudes of the British Ministry of Magic. And use such analogies as teaching methodology for the discipline History, within the education basic.*

**KEYWORD:** *Harry Potter, Brazilian military dictatorship, Fiction, History and JK Rowling.*

---

<sup>1</sup> Formação em História pela Fundação Educacional Unificada Campograndense FEUC. Pós-graduação em História Social e Cultural do Brasil pela Fundação Educacional Unificada Campograndense FEUC. Annanascimento95@gmail.com.

---

## Introdução

Literatura e História podem nos proporcionar elementos importantes para entendermos as relações sociais estabelecidas. Com base nisso, o presente artigo visa identificar e apresentar alguns aspectos da ditadura civil militar brasileira, por meio da perspectiva da obra literária de ficção infanto-juvenil *Harry Potter*, escrita pela autora britânica JK Rowling. Não obstante, cabe deixar registrado que nos reservamos a guardar as devidas proporções ao tentar identificar tais características, haja vista que a obra em questão, assim como sua autora, não estão inseridos no contexto social brasileiro e provavelmente ela não tenha conhecimento dos acontecimentos daquele momento no Brasil. Mas, pode ser utilizada para trazer à tona debates como: organização estudantil, repressão, totalitarismo, ditadura, estratégias de resistências.

Diante dessa perspectiva interdisciplinar entre a literatura de ficção e história, podemos ser levados a novas dimensões e discussões sobre um determinado tema, com visões e/ou interpretações distintas, mas que podem se interligar. Segundo José D'Assunção Barros, história e literatura sempre mantiveram relações muito próximas, mas tênues ou demarcadas conforme a concepção historiográfica ou o gênero da literatura<sup>2</sup>.

Neste trabalho, questionamo-nos se é possível identificar aspectos de autoritarismos na obra literária *Harry Potter* e relacionar, a partir da perspectiva de análise de discurso, de modo que seja possível proporcionar um debate lúdico e ao mesmo tempo apresentar as características ditatoriais pelas quais passamos por 21 anos nas salas de aula da educação básica.

A fim de encontrarmos respostas a esta indagação, nos apropriamos da dita obra literária com ênfase nos livros *O Cálice de Fogo*, *Ordem da Fênix*, *Enigma do Príncipe* e *Relíquias da Morte*. E, no que tange a bibliografia disponível, apresenta-se: Sean Smith:

---

<sup>2</sup> BARROS José D'Assunção. História e Literatura: novas relações para os novos tempos, **Revista Contemporâneos**, 2010, p.2. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2019.

JK Rowling uma biografia: o gênio por detrás de *Harry Potter*; Teun A. Van Dijk: Discurso e Poder; Daniel Aarão Reis: A ditadura que mudou o Brasil; Jorge Ferreira e Ângela de Castro Gomes: 1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil.

Com base no material disponível, analisamos os vinte e um anos da ditadura civil militar (1964-1985) no Brasil, destacando a década de 1970, chamada de “anos de chumbo”. Pretendemos identificar alguns aspectos e personagens do universo de *Harry Potter* como: O Profeta Diário, Decreto Educacional feito pela personagem Dolores Umbridge, o Ministério da Magia britânico, a Armada de Dumbledore; Trouxas e Sangues-puros, as Maldições Imperdoáveis e os Discursos de Voldemort, a fim de demonstrar a possibilidade de relacionar aspectos ditatoriais e de resistências presentes em uma obra de literatura de ficção infanto-juvenil para fazer uma analogia com os signos da ditadura civil militar no Brasil.

O presente artigo justifica-se academicamente porque, atualmente, há muitos trabalhos que se apropriam de obras literárias associadas à história, que se propõem a trazer à tona testemunhos dos acontecimentos sociais. Também esperamos contribuir socialmente para os debates que envolvem a importância da literatura e os acontecimentos históricos e, por fim, como utilizar os livros de ficção infanto-juvenil, tendo como contrapartida os livros de *Harry Potter* escritos pela britânica JK Rowling, para enriquecer e colaborar na construção do conhecimento histórico nas aulas de história dentro da educação básica.

Este artigo foi dividido em três partes: na primeira, apresentaremos as possibilidades de trabalhar com uma literatura de ficção infanto-juvenil e a construção do conhecimento histórico para um determinado período da história do Brasil. Em seguida, um debate sobre o que foram os vinte e um anos da ditadura civil militar, mostrando fatos históricos verídicos durante o governo, e por fim, como podemos usar a obra fictícia de *Harry Potter* como analogia com o evento histórico da ditadura, levando os alunos do ensino básico a compreenderem como é possível trabalhar com obras de ficção para o público infanto-juvenil, tendo como contrapartida a História dentro da sala de aula.

## 1. História e Literatura: possibilidades de trabalho

Desde que a História se tornou uma ciência acadêmica em meados do século XIX, o termo fonte estava embasado na concepção de que os documentos trabalhados pelos historiadores necessitariam ser oficiais; ideia oriunda da escola alemã de Leopoldo Von Ranke<sup>3</sup>. Para essa escola, obras literárias não poderiam ser consideradas fontes históricas e conseqüentemente não poderia ser interligadas com a História: literatura é apenas ficção, História é ciência.

Em fins dos anos de 1920, especificamente em 1929, surgiu uma nova abordagem historiográfica promovida pela escola francesa, com o objetivo de renovar a historiografia, liderada pelos historiadores Lucien Febvre e March Bloch. Fundando a revista *Annales D'Histoire Économique et Sociale*, a revista investiu em uma história mais abrangente, dialogando entre as disciplinas (interdisciplinaridade), novas fontes e temas, abrangendo o todo social, o que marcou três gerações dessa nova escola francesa. A autora Márcia Gobbi, em artigo publicado nos informa que:

*História e Literatura apresentam-se não como duas realidades paralelas e, portanto, dissociadas, passíveis, de serem postas em contato por meio de um processo artificial, externo e posterior que detecte a influência, a ocorrência e a reprodução dos fatos sociais no texto literário (...). As relações entre história e ficção parecem mesmo construir um dado inalienável ao próprio fazer artístico, que corresponderia, portanto à configuração estética do mundo: por meio de instrumentos expressivos adequados, o escritor cria um sistema simbólico de representação da realidade.*

Conseqüentemente, as obras literárias se tornaram fontes históricas, possibilitando realizar um debate entre História e Literatura. Segundo Grecco<sup>4</sup>, ambas, provindas da história cultural, fornecendo o trabalho das formas de representação ocorridas no mundo no meio de grupos sociais, o que nos leva ao diálogo com outras disciplinas. Tal conceituação de representação não é algo inédito, já sendo discutido anteriormente, no início do século XX, com Émile Durkein. Porém, ela retorna com força nos anos de 1980, promovida pelo historiador francês Roger Chartier<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> GRECCO, Gabriela de Lima. História e Literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação, **Revista Brasileira de História & Ciência Sociais**, p.2, 2014. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoria>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.

<sup>4</sup> GRECCO, Gabriela de Lima. **História**, 2004, p.4.

<sup>5</sup>CHARTIER, Roger. **Debate entre Literatura e História, Topoi**, 1999, p.21. Disponível em:

*[...] o conceito de representação é a de variabilidade e da pluralidade de compreensões (ou incompreensões) do mundo social e natural. [...] As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe [...] a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.*

Essa afirmação de Chartier nos mostra que a junção entre literatura e história amplia novos horizontes e interpretações, carregando consigo temáticas históricas, reflexões literárias, análise de autores e interpretações de séries de livros para se retratar de acordo com um determinado grupo social um dado contexto e/ou fatos históricos. Para a historiadora brasileira Sandra Jatahy Pesavento<sup>6</sup>, a memória social criada a partir do discurso literário se constitui numa representação que socializa e que tem um conteúdo pragmático e socializador .

Para Gabriela de Lima Grecco<sup>7</sup> é importante ressaltar que ambas auxiliam na construção de uma identidade, tanto individual como social. Suas aproximações devem ser respeitadas pelo longo processo já realizado. Atualmente não se é mais polêmico afirmar que as obras literárias são fontes de pesquisa, incluindo as de ficção, abrindo caminho para novos diálogos.

Nos últimos anos, a literatura se tornou um material valioso para estudiosos que se interessam em relacionar livros de ficção e clássicos com eventos históricos, presentes em nosso passado e nossa atualidade. Como bem descreve Pesavento (2006 p.12): o texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através dos fatos criados pela ficção. No Brasil, a relação entre ambas surgiu na década de 1990 e, atualmente, é um tema frequente em trabalhos acadêmicos.

De acordo com o historiador José D'Assunção Barros<sup>8</sup>, as relações entre ambas as disciplinas: literatura e história já são antigas e com o passar dos anos elas se tornaram mais intensas. Para ele, a História produziu um setor historiográfico que passou a inserir

---

<https://pt.scribd.com/document/42382636/DEBATE-Literatura-e-Historia-Roger-Chartier>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2019.

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo**. Porto Alegre: Asterisco, 2006, p.11-18. Disponível em: <https://www.trabalhosfeitos.com/topicos/historia-e-historia-cultural-sandra-jatahy-pesavento/>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2019.

<sup>7</sup> GOBBI, Márcia. Relações entre Ficção e História: uma breve revisão teórica, **Itinerários**, Araraquara,37, 2004. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox> . Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.

<sup>8</sup> Idem 1.

mais a aproximação entre história e literatura; assumindo mais enfaticamente aquilo que estaremos denominando consciência da narratividade histórica.

Entendemos nessa primeira etapa do trabalho as complexidades e abrangências ao relacionar História e Literatura para a construção do conhecimento. Entretanto, é possível interligá-las, possibilitando novas pesquisas acadêmicas e trazer à tona vários questionamentos. É por meio de tal interligação que se viabiliza a elaboração deste breve artigo, nos apropriando da saga *Harry Potter*, a fim de identificar e analisar aspectos ditatoriais nos anos compreendidos entre 1964-1985.

## **2. Ditadura civil militar brasileira**

Diversos trabalhos foram produzidos sobre a ditadura civil militar no Brasil. Vários ensaios foram elaborados, a partir dos anos 1990, após o período de redemocratização do país. Com o aniversário de 50 anos do golpe em 2014, os trabalhos científicos realizados por historiadores, sociólogos, antropólogos, filósofos, entre outros, vieram com mais efervescência, debruçando-se em novas análises e problemáticas, comprovando que, de fato, fora um golpe e não uma revolução.

*A democratização dos documentos sigilosos, a abertura dos arquivos e o desenvolvimento dos cursos de pós-graduação permitiram a realização de estudos mais precisos sobre a máquina repressiva estatal e os seus desmandos. Retornar à temática dos militares implica o contato com pelo menos parte dessa vasta literatura recentemente produzida. Outro aspecto refere-se ao tempo. A distância em relação ao evento nos permite percebê-lo com outros olhos, desvendando aspectos que muitas vezes permaneciam à sombra<sup>9</sup>.*

Segundo Daniel Aarão Reis, a atualidade da ditadura deve-se também ao impacto

---

<sup>9</sup> REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo e MOTTA Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1963**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p.68.

duradouro, portanto, ainda visível entre nós<sup>10</sup>. O que demonstra que os vinte e um anos da ditadura foram marcados por inúmeros acontecimentos e, até hoje, está impregnado em nossas mentalidades e memórias. Como bem ressalta David Lowenthal sobre o passado: ele existe interruptamente na memória de pensadores e de homens imaginativos. De fato, ele existe na memória de todos nós.

*Como tomamos conhecimento do passado? Como adquirimos esse background imprescindível? A resposta é simples: lembramo-nos das coisas, lemos ou ouvimos histórias e crônicas, e vivemos entre relíquias de épocas anteriores. O passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação conserva um conteúdo residual de tempos pretéritos. Toda consciência atual se funda em percepções e atitudes do passado<sup>11</sup>.*

Entretanto, naquela época, provavelmente era difícil saber até quando tal governo estaria presente na vida de milhões de brasileiros e, também para a resistência. A cada presidente que tomava posse a repressão aumentava, sobretudo a partir da promulgação do AI 5 – em 1968<sup>12</sup>, quando qualquer opinião contrária ao regime era severamente perseguida e punida. Jornalistas, músicos, escritores, artistas e parte da sociedade civil não favoráveis ao governo eram censurados, na maioria das vezes de maneira brutal, sujeitos a torturas e até a morte. Nesta perspectiva, as resistências se organizaram. Surgiram movimentos estudantis como a Ação Libertadora Nacional (ALN), de trabalhadores, partidos políticos e movimentos forjados nas bases políticas de esquerda.

*Foi exatamente nessas circunstâncias, sem válvulas de escape, que alguns grupos de esquerda — desesperados e desesperançados — se lançaram à luta armada. Constituídos fundamentalmente por jovens estudantes, audaciosos, mas inexperientes, foram destroçados em uma luta desigual contra os aparelhos da repressão. Bravos jovens! Radicais, equivocados, mas generosos! A rigor, a ditadura, sempre segundo essas versões, fora a grande responsável pela luta armada, redimensionada como uma reação desesperada à falta de alternativas<sup>13</sup>.*

---

<sup>10</sup> Idem 8, p.5.

<sup>11</sup> LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado, proj. História**, São Paulo, 1998, p.3. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox>. Acesso em: 15 de março de 2019.

<sup>12</sup> AI 5: O Ato institucional AI 5, considerado o pior de todos, promulgado no governo de Costa e Silva, em 1968, onde a censura foi imposta e a liberdade de pensamento fora caçada, os meios de comunicação foram censurados e ocorreu também o fechamento do congresso. Todas foram medidas efetivadas pelo regime militar.

<sup>13</sup> Idem 8, p.5.

Durante os anos de 1960 e 1970, o movimento estudantil foi de grande importância e surgiu em vários estados brasileiros, tornando-se uma forma de resistência contra o governo. Diversas organizações estudantis foram formadas nesse contexto: DCEs (Diretórios Centrais Estudantis), UNE (União Nacional dos Estudantes), UEEs (União Estaduais dos Estudantes) entre outras. Tais movimentos tinham como finalidade melhorias nas universidades, mais oportunidades de ingresso, combater a privatização e, acima de tudo, a liberdade de expressão. Segundo Wagner Da Silva Teixeira: “A educação e vista como lugar de “criação de disposições mentais democráticas, através de que se substituem no brasileiro antigos e culturalmente hábitos de passividades, por novos hábitos de participação e ingerência”<sup>14</sup>.

A década de 1970, também conhecida como “anos de chumbo”, foi marcada pela perseguição e a tortura, sob a égide do então presidente Ernesto Geisel. Com a implantação do AI-5 em 1968, cercearam-se a atuação dos meios de comunicação e a liberdade de pensamento. Segundo o historiador brasileiro, Daniel Aarão Reis<sup>15</sup>:

*Poucos dias depois, em 9 de abril, a junta editou um Ato Institucional que instaurou o estado de exceção no país. Começou a decretar a cassação de mandatos eletivos, a suspensão de direitos políticos, por dez anos, além de aposentadorias de civis e reformas de militares, atingindo centenas de pessoas.*

Entretanto, além da organização dos movimentos estudantis, outros grupos passaram a se estabelecer visando lutar e resistir: operários, sindicalistas, mulheres, religiosos, compunham parte da sociedade civil que protagonizou as resistências. Tanto que o ano de 1978 foi o ano do fim do AI5 e de movimentos sociais começando a ganhar as ruas, o regime militar se viu diante da primeira greve ocorrida durante sua administração e, frente a tal situação naquele momento, o governo percebeu a necessidade de estabelecer “negociações”, mas, sem deixar de lado a repressão, característica do período. Segundo Aarão, os trabalhadores, principalmente os ativos em partidos e sindicatos foram, sem sombra de dúvida, os mais perseguidos pelo regime, no que diz respeito a direitos trabalhistas e de greves.

---

<sup>14</sup> TEIXEIRA, Wagner da Silva. Tempo de calar: a ditadura militar e repressão aos movimentos de educação e cultura popular. (In): FERREIRA, Jorge. **As repúblicas do Brasil: política, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: UFF, 2010. P 199.

<sup>15</sup> REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p.18.



*Em 1968, eles organizaram grandes manifestações de rua em todo o país, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. No mesmo ano, em articulação com os estudantes, despontou um setor radical no movimento operário que deflagrou greves expressivas em Contagem (MG) e Osasco (SP) contra a política econômica que impunha contenção salarial<sup>16</sup>.*

Nesta conjuntura, alguns partidos políticos de oposição e favoráveis ao governo foram criados entre os anos de 1966 e 1979. Percebemos que as formas de organizações foram importantes para as articulações de resistência contra a ditadura militar. Sabendo disso, seríamos capazes de identificar discursos que nos remetam às características presentes na ditadura militar a partir da análise de discurso apresentada da obra de ficção infanto-juvenil aqui analisada por nós? É o que pretendemos elucidar na última parte deste artigo.

### **3. Análise do discurso: aspectos ditatoriais e de resistências na obra *Harry Potter***

À primeira vista, a saga de livros de *Harry Potter* parece ser apenas uma estória para o público infanto-juvenil. Mas, se olharmos com mais profundidade, é possível reconhecer e identificar que algumas falas, facilmente podem ser confundidas com as realidades e até mesmo com fatos históricos. Nesse sentido, esta parte se propõe a fazer a análise de discurso, visando detectar aspectos ditatoriais e de resistência a fim de proporcionar ao aluno da educação básica de forma lúdica a possibilidade de apontar tais características e tentar relacionar com fatos históricos ocorridos durante a ditadura civil militar no Brasil.

Ana Freitas, em uma reportagem virtual para jornal NEXO sobre o universo de *Harry Potter*, afirma: que em primeira análise, os livros de *Harry Potter* podem ser interpretados como apenas contos de ficção para o público infanto-juvenil, mas, se lê-las entre as entrelinhas e com mais cautela, podemos observar que existem aspectos e/ou características que podem ser confrontadas com temáticas históricas, mostrando que é

---

<sup>16</sup> Idem 8, p.21.

possível analisar obras de ficção dentro dos parâmetros da História e utiliza-la como metodologia de ensino nas escolas.

É por meio de tais indagações, procedentes de tal contexto histórico, é que podemos fazer uma analogia entre obra fictícia *Harry Potter* e um fato histórico que foi a ditadura civil militar brasileira. Seguindo essa linha, os livros que melhor abordam essas semelhanças, é por meio dos quatro últimos livros da série: *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, *Ordem da Fênix*, *Enigma do Príncipe* e *Relíquias da Morte*. Se fizermos um compacto, podemos perceber que todas dialogam entre si, e que tais acontecimentos vão sendo amarrados até o último livro.

Em *Harry Potter e Cálice de Fogo*, Lorde Voldemort, ainda enfraquecido, reúne alguns comensais da morte (seus seguidores) com o intuito de elaborarem um ataque em plena Copa do Mundo de Quadribol, com o objetivo de tomar o poder por meio dos comensais e conseqüentemente o seu renascer. No capítulo um do livro *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, podemos perceber com mais clareza:

*A... a Copa Mundial de Quadribol, milorde? – admirou-se Rabicho. (Franco enfiou o dedo com mais força no ouvido.) – Me perdoe, mas... não compreendo... por que precisamos esperar o fim da Copa Mundial? – Porque, seu tolo, neste exato momento estão chegando ao país bruxos do mundo inteiro e todos os bisbilhoteiros do Ministério da Magia estarão em campo, à procura de sinais de atividades incomuns, verificando identidades e tornando a verificá-las. Estarão obcecados com a segurança, tentando impedir que os trouxas percebam alguma coisa. Por isso vamos aguardar<sup>17</sup>.*

A História nos mostra que chegada dos militares se originou do apoio da elite e do empresariado; o que é equivalente aos seguidores de Voldemort; a maioria era de alto escalão. Para o historiador brasileiro Jorge Ferreira na obra 1964: “O ambiente não podia ser mais propício à movimentação dos militares golpistas, já organizados e muito atuantes (...)”<sup>18</sup>. Ou seja, é possível ao ler no caminhar de *Cálice de Fogo*, que toda a manipulação para o retorno daquele que não deve ser nomeado, foi planejada e moldado, não muito diferente do que aconteceu no fato histórico ocorrido em 1964.

Para Teun A. Van Dijk<sup>19</sup> em *Discurso e Poder*: “Poder social é uma

<sup>17</sup> ROWLING, JK. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001, p.12.

<sup>18</sup> Idem 8, p.196.

<sup>19</sup> DIJK, Teun A. Van. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008, p.17.

característica da relação entre grupos, classes ou outras formações sociais (...)” . Por meio de tal explicação, podemos observar que o objetivo sempre é a tomada do poder, podendo ser erguida de formas distintas, tendo como exemplo, os comensais da morte queriam uma sociedade de sangues puros<sup>20</sup>; já no que tange a ditadura, suas ambições eram a oportunidade da chegada ao poder e o autoritarismo. Como afirma Sirius Black “(...) Havia muita gente antes de Voldemort mostrar sua verdadeira cara que acreditava nele... se acovardaram quando viram a que extremo ele estava disposto a ir para assumir o poder”<sup>21</sup>.

Real ou fictício, o desígnio era o poder. Tanto os militares como os comensais da morte tinham como ambição a autoridade ideológica e de discurso. É a partir do quinto livro da série, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, que podemos perceber com mais nitidez que: o mundo da magia está em um momento delicado, boatos que Lorde Voldemort voltou, Ministério da Magia britânico intervindo em Hogwarts, o retorno da Ordem da Fênix, Dolores Umbridge nomeada alta inquisidora de Hogwarts e o surgimento da Armada de Dumbledore. Todos esses acontecimentos, se forem muito bem analisados, podem ser análogos ao período histórico do regime civil militar brasileiro.

No decorrer do livro, Dolores Umbridge assume o cargo de alta inquisidora de Hogwarts; ela impõe os chamados Decretos Educacionais, onde o Ministério ordena uma reforma na educação: “Inicia-se assim uma nova fase no plano ministerial para enfrentar o que alguns têm chamado de queda dos padrões de Hogwarts (...)” (Profeta Diário). Ainda nessa obra, os boatos do retorno daquele que não deve ser nomeado é o grande temor do mundo bruxo, mesmo alguns não acreditando em sua volta. Consequentemente, o Ministério da Magia passa a intervir em Hogwarts<sup>22</sup> mostrando que a partir desse momento tudo é monitorado pelo ministério. “Significa que o ministério está interferindo em Hogwarts”<sup>23</sup> (Hermione Granger).

Durante a ditadura civil militar, movimentos universitários e/ou estudantis, como já abordado no capítulo anterior, foi pedra no sapato dos militares, mostrando sua força e

---

<sup>20</sup> Sangue Bruxos: Puros-sangues: bruxos e bruxas totalmente bruxos, sem parentescos trouxas. Mestiços: metade bruxo e metade trouxa. Trouxas: totalmente humanos sem magia, embora existam casos, que um trouxa com descendência bruxa tenha poderes mágico.

<sup>21</sup> ROWLING, JK. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p.95.

<sup>22</sup> Idem 20, p. 256.

<sup>23</sup> Todas as organizações, sociedades, times, grupos e clubes estudantis estão doravante dissolvidos p.291-*Harry Potter e a Ordem da Fênix*.

rivalidade ao regime. Não fora diferente com *Harry Potter* ao criar a Armada de Dumbledore, cuja finalidade era se defender daquilo que os aguardavam, que era enfrentar Voldemort e também ser um grupo de resistência contrário o regime de Dolores, principalmente após o decreto nº 24, onde resistiam ao controle do regime imposto pela alta inquisidora e pelo ministério. Este alegava que aquele que não deve ser nomeado, estava morto e não precisaria ensinar defesa contra as artes das trevas como disciplina em Hogwarts, pois “a paz” tinha sido restaurada no mundo bruxo e a partir desse momento os estudantes só estudariam aquilo que fosse aprovado pelo ministério. No capítulo 12 deste mesmo livro podemos perceber, pela fala da Umbridge:

*Bom, o ensino que receberem desta disciplina foi um tanto interrompido e fragmentário, não é mesmo? -afirmou a Profª Umbridge, virando-se para encarar a turma, com as mãos perfeitamente cruzadas diante do corpo. – A mudança constante de professores, muitos dos quais não parecem ter seguido nenhum currículo aprovado pelo Ministério, infelizmente teve como consequência os senhores estarem muito abaixo dos padrões que esperaríamos ver no ano dos N.O.M.s. Os senhores ficarão satisfeitos de saber, que tais problemas agora serão corrigidos. Este ano iremos seguir um curso de magia defensiva, aprovado pelo Ministério e cuidadosamente estruturado em torno da teoria. Copiem o seguinte, por favor<sup>24</sup>.*

No governo dos militares, alguns jornais foram favoráveis ao regime e outros não, cada um com seu posicionamento. No universo fictício de *Harry Potter* não é diferente, tanto em *Ordem da Fênix* e *Enigma do Príncipe*: “O Profeta Diário”, escrito pelo próprio ministério, insistia que as medidas apresentadas pelo departamento do ministério eram o melhor caminho para o mundo bruxo; já o “Pasquim” mostrava que muitos dos acontecimentos eram censurados para que não houvesse pânico e que os boatos do retorno de Voldemort eram verdadeiros e que Harry dizia a verdade, conspirando contra o próprio “Profeta Diário”. De acordo com Jorge Ferreira, no que tange aos posicionamentos dos jornais durante a ditadura ele afirma:

*Por isso, vale a pena dar uma atenta olhada nos jornais. Eles oferecem boas pistas para se acompanhar a dinâmica de uma mudança política como essa, que se radicalizou em curto espaço de tempo. Certamente, havia jornais que, desde a posse de Goulart, lhe faziam oposição aberta, com menos ou mais hostilidade<sup>25</sup>.*

---

<sup>24</sup> ROWLING, JK. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p.2000.

<sup>25</sup> Idem 8, p.189.

O golpe de 1964 foi dado devido ao descontentamento das práticas de governo de João Goulart, onde a direita estava inconformada com as atitudes e medidas que atendiam às classes trabalhadores urbanas e rurais promovidas Goulart e assim planejavam sua queda. Em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, Dumbledore o maior bruxo de todos os tempos, é uma ameaça para os seguidores de Lorde Voldemort e por conta disso deveria e foi liquidado. Para Jorge Ferreira, o plano da queda de Goulart fora minuciosamente planejado pelo setor empresarial:

*Esses manifestos evidenciam que, de uma postura de crítica e desconfiança em relação a Goulart, o setor empresarial (paulista, mineiro e carioca, com destaque) avançou para uma posição de rejeição e combate ao governo: queria “dar um basta” àquela situação. Algo que deve ser observado, pois, como se viu na grande imprensa, até aquele momento, nem mesmo os setores mais avessos ao presidente defendiam tão claramente “soluções” como a deposição de Goulart<sup>26</sup>.*

Já em *Harry Potter*, o plano era a liquidação de Alvo Dumbledore, o único bruxo que Voldemort sempre temeu, mostrando que o tirando da jogada, o caminho de tomada do poder seria facilmente estabelecido com êxito. Em *Enigma do Príncipe*, Severo Snape faz um voto perpétuo com Narcisa, na qual, se Draco falhar em sua missão de matar Dumbledore, o próprio faria, pois Dumbledore sempre confiou em Severo Snape. No capítulo dois a seguinte fala de Snape nos proporciona um leque de informações de como fora muito bem planejado por Voldemort a queda de Dumbledore.

*Acho que a intenção dele é me mandar tentar depois. Mas decidi que Draco deve tentar primeiro. Sabe, no improvável acaso de Draco se sair bem, eu poderei permanecer em Hogwarts por mais algum tempo, desempenhando o meu proveitoso papel de espião<sup>27</sup>.*

Não se poderia deixar de falar das torturas que existiram durante o período da ditadura militar. Já nos acontecimentos de *Harry Potter e as Relíquias da Morte* podemos perceber que quando o Lorde das Trevas assume o poder, após matar Dumbledore, transforma o mundo bruxo em uma verdadeira ditadura, onde aqueles que fossem

---

<sup>26</sup> Idem 8, p.195.

<sup>27</sup> ROWLING, JK. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p.32.

contrários ao regime eram cassados, torturados e mortos. O ministério fora tomado pelos comensais da morte e se teve a caçada de nascidos trouxas, também chamados de sangues ruins. Ao assumir o poder, a ditadura civil militar brasileira julgou e cassou inúmeras pessoas políticas contrárias as suas ideias.

Durante o período ditatorial, as torturas promovidas a pessoas contrárias ao governo, eram constantes. A maioria dos torturadores era das Forças Armadas, com destaque para o exército. Existiam vários tipos de torturas, todas de forma cruel e a sangue frio. No universo fictício de *Harry Potter*, existem três maldições proibidas, que são chamadas de as maldições imperdoáveis: Crúcio: Tortura, Impérios: Controla a pessoa e Avada Kedrava: A Morte. Para Teun A. Van Dijk:

*(...) Os grupos possuem (maior ou menor) poder se forem capazes de exercer (maior ou menor) controle sobre os atos e as mentes dos (membros de) outros grupos. (...) É possível distinguir diferentes tipos de poder de acordo com os recursos empregados para exercê-lo: o poder coercitivo dos militares e dos homens violentos estará baseado principalmente na força; (...)<sup>28</sup>.*

Durante a ditadura, existiram locais de sacrifício humano. A Casa Da Morte (Petrópolis-RJ) fora uma propriedade clandestina dos militares, para onde eram encaminhados os presos políticos, que se após interrogadas, não falassem as informações precisas, eram destinados à tortura brutal. A única sobrevivente desse local foi Inês Etienne Romeu, que fazia parte da luta armada contra o governo e era militante, fora a última presa política do Brasil a ser libertada. Em Relíquias da Morte, quando o “trio de ouro”<sup>29</sup> chega na mansão dos Malfoy’s, Hermione Granger é atacada, interrogada e torturada por Bellatrix Lestrange. No capítulo vinte e três de Relíquias da Morte, Hermione foi brutalmente supliciada por Bellatrix:

*Você está mentindo, sua sangue-ruim imunda, sei que está! Você esteve no meu cofre em Gringotes! Diga a verdade, diga a verdade! Outro grito lancinante.... (...) O que mais você tirou? O que mais tem com você? Me diga a verdade ou, juro, vou furar você com esta faca!<sup>30</sup>*

O diferencial entre as coisas que aconteceram na ditadura civil militar brasileira, com o contexto irreal do universo de *Harry Potter*, é que ambas têm analogias que nos mostram que é possível pegar alguns elementos da ficção e contrapor com a realidade

<sup>28</sup> DIJK, Teun A. Van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008, p.117.

<sup>29</sup> Trio de Ouro: nome dado pelos bruxos, para Harry, Ronny e Hermione que salvaram o mundo mágico.

<sup>30</sup> ROWLING, JK. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p.362.

histórica. São inúmeras abordagens do universo criado por JK Rowling, que podem ser trazidas e analisadas dentro do cenário nacional da história brasileira, e que de tal maneira podem ser levadas para dentro das salas de aula, despertando nos alunos um fascínio pela inter-relação entre o mundo fictício e o mundo real, onde podemos utilizar uma obra infanto-juvenil para se ensinar História, dentro da educação básica.

Embora Rowling tenha se inspirado em outros fatos históricos como o nazismo e o salazarismo ditos pela própria em entrevistas; muitas das ideologias apresentadas por ela, ao criar as obras, são facilmente reconhecidas em outras circunstâncias, como exemplo a ditadura civil militar brasileira; demonstrando que a ficção não está totalmente desvinculada da realidade histórica e que, dadas as devidas proporções, estão vinculadas como metodologia de ensino. Levando-nos a refletir e a questionar os fatos históricos ocorridos em nossa história, despertando interesse político e histórico.

*A batalha está ganha. Vocês perderam metade dos seus combatentes. Os meus Comensais da Morte são mais numerosos que vocês, e O-Menino-Que-Sobreviveu está liquidado. A Guerra deve cessar. Quem continuar a resistir, homem, mulher ou criança, será exterminado, bem como todos os membros de sua família. Saiam do castelo agora, ajoelhem-se diante de mim e serão poupados. Seus pais e filhos, seus irmãos e irmãs viverão e serão perdoados, e vocês se unirão a mim no novo mundo que construiremos juntos” (Voldemort)<sup>31</sup>.*

## Considerações Finais

Ambas as temáticas são polêmicas até em nossos dias, mesmo uma sendo um fato histórico e outra sendo uma obra de ficção. A ditadura marcou uma época, deixando histórias e algumas cicatrizes; já o universo de Harry Potter ainda é visto com bastante desconfiança, muitas da vezes censurado e considerado por muitos como maligno e obscuro. O objetivo desse artigo fora despertar o interesse de fãs para com assuntos ligados à ditadura brasileira, e como tais abordagens podem ser levadas para dentro das escolas.

---

<sup>31</sup> Idem 30, p.566.

Segundo diversas pesquisas já realizadas, elas afirmam que a maioria dos fãs da saga, consegue perceber o verdadeiro enredo por trás das linhas, como: disputas de poder, hierarquia social, tolerância e racismo; e que tais abordagens já foram trabalhadas dentro das universidades. Segundo Ana Freitas no jornal online Nexo, professor Stephen Deets, da Universidade de Boston em Massachussets começou em 2009, uma disciplina, que o próprio o denominou de Harry Potter e Política, ensinando ciência política, utilizando os livros da série; selecionando trechos e frases dos personagens e mencionando fatos históricos.

De acordo com site Potterish, aqui no Brasil, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) oferece frequentemente oficinas sobre Harry Potter e como trazê-lo para a História. Recentemente, em 14 de março de 2019, ela ofereceu uma oficina chamada: Harry Potter e o Autoritarismo: reflexões sobre o ministério da magia, organizado pela Semana de Ensino de História (SEHis). Nesse curso, fora discutido temas como: nazismo, fascismo, censura, resistência, tortura e ditadura.

Ambas as instituições têm como objetivo demonstrar às pessoas que é possível analisar fatos importantes dentro da História com aspectos oriundos dos livros de Harry Potter, onde a realidade – ficção/ literatura – e a História estão intimamente ligadas. E que uma saga de livros pode, sim, ser utilizada como metodologia política dentro das universidades, mas também podendo ser analisadas dentro da educação básica, despertando interesse dos alunos e levando-os a perceber certas semelhanças e a questioná-las. No artigo: Do prazer ao pensamento crítico em Harry Potter, realizadas por Milena Venancio e Alexandra Fabiarz:

*(...) Segundo os fãs, essas narrativas se relacionam com sua visão particular de mundo. Logo, histórias de ficção como as de Harry Potter podem contribuir para desenvolver um pensamento crítico nos fãs, uma vez que lhes inspiram a participação, com opiniões, em variados temas abordados na produção das próprias narrativas<sup>32</sup>.*

Podemos concluir que a História e Literatura como disciplinas nos proporcionam diversas façanhas, sejam elas reais ou fictícias, mas também nos jogam um balde de água

---

<sup>32</sup> FABIARS, Alexandre e VENANCIO, Milena. Do prazer ao pensamento crítico de Harry Potter, **Comunicação & Educação**, 2017, p.2. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/123855/0>. Acesso em 10 de março de 2019.



fria com momentos terríveis e obscuros. Como o próprio Dumbledore disse no final de Cálice de Fogo: “Creio – e nunca tive tanta esperança de estar enganado – que estamos diante de tempos negros e difíceis (...)” . O propósito desse trabalho foi mostrar que podemos utilizar obras de ficção para abordar em sala de aula, assuntos ligados à História, fazendo que os educandos consigam assimilar que, até mesmo livros infanto-juvenis podem sim ser analisadas, tendo como contrapartida eventos ocorridos na História. O Ministério caiu, o ministro da magia está morto, eles estão vindo.

## **Referências Bibliográficas**

BARROS, José D’Assunção. **História e Literatura: novas relações para os novos tempos**, 2010. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br>.

CHARTIER, Roger. **Debate entre Literatura e História**, 1999. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/42382636/DEBATE-Literatura-e-Historia-Roger-Chartier>.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

DITADURA NUNCA MAIS: o papel do movimento estudantil na resistência à ditadura. Disponível em: <http://ditaduranuncamais.cnte.org.br/o-papel-do-movimento-estudantil-na-resistencia-a-ditadura/>.

FABIARS, Alexandre e VENANCIO, Milena. Do prazer ao pensamento crítico de Harry Potter, **Comunicação & Educação**, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/123855/0>.

FERREIRA, Jorge e GOMES, Ângela de Castro Gomes. **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FREITAS, Ana. Como Harry Potter pode ser usado para ensinar ciência política. **Revista: Nexo**, 2016. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br>.

GOBBI, Márcia. **Relações entre Ficção e História: uma breve revisão teórica**, 2004.

Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox> .

GRECCO, Gabriela de Lima. **História e Literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação**, 2014. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador/sete/9gabriela.pdf>.

REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo e MOTTA Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1963**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ROWLING, JK. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

----- **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

----- **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

----- **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**, 1998. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox> .

MALONE, Aubrey. **Harry Potter de A a Z**. São Paulo, Prestígio, 2007.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho. **Uso de Literatura como fonte histórica**, 2015. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>.

MEMÓRIAS DA DITADURA: O maior acervo online sobre a História da ditadura no Brasil. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/>.

MICHEL, Aline: **Unicamp oferece oficina sobre o autoritarismo em Harry Potter**. Disponível em: <https://potterish.com/2019/03/harry-potter-unicamp-oficina-autoritarismo>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: \_\_\_\_\_; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**. Porto Alegre: Asterisco, 2008, p.11-18.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

SMITH, SEAN. **JK Rowling uma biografia: do gênio por detrás de Harry Potter**. Lisboa:

Editorial Estampa,2002

VICTOR, João. **A Política em Harry Potter**, 2006. Disponível em:  
<https://potterish.com/2006/12/a-politica-em-harry-potter>.